

PRIMÓRDIOS DAS INDÚSTRIAS CULTURAIS EM BAURU ATÉ OS ANOS 1980

THE BEGINNING OF CULTURAL INDUSTRIES IN BAURU UP TO THE 1980'S

Wellington C. M. Leite¹

Resumo

Este artigo, excerto da tese *Os Músicos Independentes de Bauru e o Uso de Tecnologias de Comunicação* (2020), tem o intuito de descrever as condições que permitiram a instalação de meios de comunicação (no sentido específico e no sentido lato) que ensejaram hábitos metropolitanos na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Baseando-nos no conceito de *Indústrias Culturais* de Leonardo De Marchi, em historiadores locais, tais como Rubin, Pelegrina, Zanlochi, Lima, Nava, em artigos e documentos primários encontrados nas bibliotecas, além de autores como Júlio Medaglia, Lira Neto e Amaral Jr. para contextualização nacional, o fio condutor do presente texto é o consumo de música, cinema e rádio. Para isso, o dividimos em Introdução, O Início das Indústrias Culturais em Bauru até os anos 1940, As décadas de 1950 a 1980 e as Considerações Finais.

Palavras-chave: Bauru. Indústrias Culturais. Música. Rádio. Ferrovia.

Abstract

This paper, excerpted from the thesis "*Os Músicos Independentes de Bauru e o Uso de Tecnologias de Comunicação*" (2020), aims to describe the conditions that enabled the establishment of communication media (in both the specific and broad senses) that fostered metropolitan habits in the city of Bauru, in the interior of São Paulo. Basing our analysis on the concept of *Cultural Industries* by Leonardo De Marchi, on local historians such as Rubin, Pelegrina, Zanlochi, Lima, and Nava, as well as on articles and primary documents found in libraries—and also on authors like Júlio Medaglia, Lira Neto, and Amaral Jr. for national context—the guiding thread of this text is the consumption of music, cinema, and radio. To that end, we have divided it into Introduction, The Beginning of Cultural Industries in Bauru up to the 1940s, The Decades from 1950 to 1980, and Final Considerations.

¹ Doutor em Mídia e Tecnologia, mestre em Comunicação e Radialista pela UNESP. Integrante do grupo Pensamento Comunicacional Latino-Americano da UNESP. Professor das FIB – Faculdades Integradas de Bauru. Lattes <https://lattes.cnpq.br/2037713942936648>, ORCID: 0000-0003-3675-4384, e-mail: wellingtoncmleite@gmail.com.

Keywords: Bauru. Cultural Industries. Music. Radio. Railroad.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa dissertação de mestrado, ao falarmos sobre a comunicação popular no rádio realizada por um programa de modas-de-viola, já lembrávamos que, à época da colonização do Brasil, os europeus se utilizavam da música em seu projeto de cristianização e de unificação cultural do novo mundo, que era feito pela igreja Católica. O pesquisador e professor do Instituto de Artes da UNESP Paulo Castagna, em um dos roteiros do programa "Alma Latina: música das Américas sob domínio Europeu"² para a Cultura FM de São Paulo, em 2012, mostra-nos traços da música europeia na atual música guarani (indígenas presentes do Paraguai até o litoral do Rio de Janeiro). Castagna demonstra que no período de catequização, em face do extermínio iminente, muitos indígenas preferiram o catecismo católico à arriscada fuga do cativeiro imposto pelos bandeirantes (Leite, 2013, p. 56).

Logo após a expulsão dos jesuítas por bandeirantes e trabalhadores livres (que prepararam os territórios para o baronato grileiro), as atividades musicais continuaram. Eventos sociais, contrariando as ideias de um homem livre na mata (um caipira mestiço de branco e índio) e de sua família que viviam isolados, sempre existiram, inclusive durante a lida (Leite, 2013, p. 50). Não somente técnicas de trabalho e inovações tecnológicas, mas também manifestações religiosas e culturais, tais como danças, instrumentos, ritmos e canções foram adaptados à realidade dos colonos, resultando no que chamaríamos mais tarde de música caipira (2013, p. 52).

As contribuições musicais da herança musical nacional não foram somente europeias, mas indígenas e africanas, além das incorporações trazidas por forasteiros e curiosos que estavam de passagem. Hoje sabemos que as criações musicais brasileiras, bem como a prática e o ensino de música, estão ligadas à criação de centros urbanos: fruto não somente dos eventos (religiosos ou não) das comunidades, mas de seus grupamentos militares e dos teatros e circos. O resgate de contribuições tão preciosas para a história da música nacional foram produtos da pesquisa feita pela curiosidade, mãos e bolsos de um único

² Os roteiros completos ainda podem ser lidos pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/AlmaLatina-RoteirosCompleto/page/n0>. Acesso em 7 de maio de 2025.

pesquisador, o prussiano Francisco Curt Lange, que não recebeu auxílio do governo brasileiro (Medaglia, 2012).

Com a chegada dos africanos escravizados, os brancos daqui qualificavam rudemente suas danças e ritmos de batuques, cujas umbigadas causavam espanto. Como afirma Lira Neto dessas “rodas ancestrais de batuque derivaram os principais ritmos e danças rurais identificáveis nos mais diferentes confins do país” (Neto, 2017, p. 39).

São manifestações musicais coletivas e populares que “antropofagicamente” se aproveitaram de festividades e de elementos culturais de portugueses e indígenas, gerando diversos tipos de danças, ritmos, gêneros musicais e instrumentos – e no qual o primeiro gênero, um fruto produtivo dessas fusões, foi o Lundu, o “avô do samba” (2017, p. 39). Se no Rio de Janeiro, o som popular dos negros estava garantido e livre do incômodo da polícia, que não se atrevia a subir os morros, em São Paulo o samba era mais contido para tentar não chamar atenção dos repressores. Era uma música feita nos porões, em galpões, dentro da cidade, era propositalmente mais silencioso, para evitar chamar muito a atenção dos setores brancos, mais ricos, que não gostavam de música de pretos pobres. A população da cidade de Bauru não tem um conservadorismo muito diferente daquele que é registrado na sua capital. É o que veremos a seguir.

2 O INÍCIO DAS INDÚSTRIAS CULTURAIS NO BRASIL ATÉ OS ANOS 1940

A violência que atribuem aos nativos desta região, os caingangues, ao repelirem os primeiros invasores brancos é bastante conhecida. Um dos fundadores de Bauru, Azarias Leite é retratado como “verdadeiro bandeirante” e registros de moradores anteriores são raros (Leite, 2013, p. 80). Era comum, após um período de reconhecimento e de primeiros embates com os indígenas por pequenos sitiamentos, algum “senhor” com dinheiro e prestígio, chegar nos lugares para “civilizar” a terra. Como diz João Francisco Tidei Lima (1979, p. 196), “os Caingangues não foram os primeiros nem os últimos grupos indígenas a sucumbir ante os imperativos da nova ordem”. À legislação indígena de 1845, com o intuito de reorganizar os aldeamentos, e à lei de terras de 1850, que transformava as terras ocupadas por indígenas em “terras devolutas”, somaram-se “a catequese e a introdução de práticas na vida material dos aborígenes, práticas estas orientadas para a produção de mercadorias” e, no caso de Bauru, o

extermínio dos resistentes. Como afirma Lima, a tribo dos Caingangues foi “o último grupo aborígene no território paulista” (1979, p. 197).

Infelizmente, se à época da pesquisa de Lima, a violência contra os Caingangues era das “mais contundentes”, especialmente por causa das “proporções genocidas” (1979, p. 198), sabemos que as chacinas de nativos seguem impunes³. Como o próprio autor afirma, mesmo com a fundação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, e “o obstinado empenho dos que formularam a plataforma do S.P.I.” (1978, p. 198), essas ações, quase sempre foram e continuam inócuas. Enquanto povoado, como dissemos, Bauru era marcado pela guerra de extermínio dos ferozes Caingangues, por colonos e sitiantes.

Segundo Nava, foi a partir das ocupações dos territórios “desbravados” por Antônio Teixeira do Espírito Santo, Feliciano de Souza Pereira e Faustino Ribeiro da Silva, que surgiram as fazendas, lavouras, a criação de freguesias e, finalmente, em 1893, o distrito de paz. Bauru, inicialmente pertencia a Espírito Santo da Fortaleza que, em 1910, extingue-se, quando seu antigo povoado se torna comarca e conquista a sua autonomia administrativa e judiciária (Nava, 1988, p. 166). Não somente fazendeiros, sitiantes e grileiros foram seduzidos pela “magia dos grandes espaços livres” (Rubin, 1995, p. 11) do centro-oeste paulista. Tanto João Francisco Tidei Lima (1978, p. 198), quanto Sandra Rubin atribuem à construção da estrada de ferro Noroeste, desde 1905, a vinda de operários, entre eles, os bugreiros munidos de “forte arsenal bélico”, para povoar Bauru e caçar os habitantes originais da terra, e os conflitos foram intensificados a partir de 1908 (Rubin, 1995, p. 12). Mas a expansão cafeeira para o oeste e, depois, algodoeira que justificou a tomada destas paragens não durou: Bauru passou a maior parte do século XX sendo considerada um centro urbano (Losnak, 2004, p. 73), cuja faixa rural produtiva diminuiu rapidamente – atualmente, a população urbana bauruense é 58 vezes maior que a rural (Leite, 2012, p. 81), menos de 2% ainda dos habitantes ainda vivem fora da área urbana.

Segundo Pelegrina e Zanlochi, o entroncamento ferroviário é que permitiu um desenvolvimento urbano diferenciado do havido em outras cidades (1991, p. 15). Destacam os autores que “os primeiros habitantes e os construtores das estradas de ferro” avançaram juntos para “conquistar o sertão bruto”, em terras que, há muitos séculos, eram habitadas pelos povos indígenas. A fórmula utilizada para garantir retorno à empreitada, que vitimou todos os

³ Infelizmente, assassinato de lideranças indígenas, invasões de terra por fazendeiros, chacinas de grupos isolados e curumins e ameaças de revisar as demarcações de terra são fatos que crescem e nos envergonham.

nativos, era garantir vastas extensões de terra, plantar café e consolidar o transporte de produção agrícola. A movimentação de passageiros e de informação (através do telégrafo) fortaleceu a rede hoteleira e mudou o centro comercial para os arredores da Estação Ferroviária. Em 1905, Bauru já contava com um jornal.

Márcia Nava conta que aportaram na cidade, principalmente, portugueses, espanhóis, italianos; a partir de 1905, um número menor de árabes, alemães e franceses; e, a partir de 1911, japoneses (1988, p. 23). Ela destaca a insuficiência de registros de “atividade cultural” nos primeiros anos de Bauru, mas traz, a partir de “algumas crônicas antigas”, o nome de alguns músicos e bandas desse período (1988, p. 24). No que concordam Mariana Fraga Costa, Marini Cerqueira Reis, Andrezza Trentini, Fernanda Sbeghen Yassuda, Isabella Soares e Marcos da Cunha Lopes Virmond, autores do artigo “Apontamentos para a História da Música Erudita em Bauru” (Costa *et al.*, 2014, p. 229).

Em 1907 é feito o pedido para a instalação de linhas telefônicas na cidade, e em 1910 de eletricidade (Pelegrina; Zanlochi, 1991, p. 20). Bauru, com sua prefeitura, cemitério e primeiras instalações sanitárias prontas, passaria a receber um grande fluxo de pessoas vindas pelas três ferrovias. Muitas vieram a procura de trabalho e acabaram fixando residência (1991, p. 23). Desde 1909 há registro da formação de bandas em Bauru (Banda Popular, Banda Municipal e Banda Internacional) e que, a partir de 1913, passam a se apresentar no coreto do jardim público, na atual praça Rui Barbosa, aos domingos, nas sessões de cinema desde 2009 (Cinema Recreio, Bauru Cinema, Bijou Theatre, Cinema Excelsor, Internacional e Adium Cinema) e na Santa Casa de Misericórdia (basicamente com repertório erudito) (Costa *et al.*, 2014, p. 252). A primeira professora de piano de Bauru foi a musicista Jesus Cortijo Ruiz, que viria a ser mãe do maestro santista Miguel Ângelo Ruiz⁴ (Ruiz, 2000), e que fundou o Instituto Musical Bauruense (1988, p. 127), que em 1931 fez parte da 1ª Orquestra Sinfônica de Bauru, organizada pelo maestro Guilherme Barbieri. Em 1941, suas composições de peças infantis incluídas no “Álbum de Músicas para Piano” foram dadas a público pela primeira vez. Miguel Ângelo Ruiz fundou e participou de vários conjuntos musicais em Bauru como o Jazz Band, Orquestra Marajoara, Ritmos Modernos e Enamorados de Euterpe. Fundou também o Orfeão Infanto-Juvenil da Casa da Criança de Bauru e participou do grupo folclórico da Associação Luso Brasileira. Autor da letra do Hino do Esporte Clube Noroeste,

⁴ Sobre Miguel Ruiz: <http://vereadormoisessrossi.blogspot.com/2009/06/homenagem-miguel-angelo-ruiz.html>. Acesso em 7 de maio de 2025.

Hino ao SESI, Hino à Mocidade Espírita, Canção da Faculdade de Odontologia de Bauru e diversas peças eruditas e populares. Pelos registros, composições instrumentais poderiam definir os primeiros anos da música autoral de Bauru. (Ruiz, 2000, p. 2).

Márcia Nava ainda cita as “apresentações circenses e teatrais” que “preenchem os fins de semana e as noites dos bauruenses”, muito assíduos a estes eventos. Entre as companhias mencionadas estão Companhia Max de Operetas e Comédias, Circo Aliança, Circo Chileno e Americano (1988, p. 25) e Grupo Dramático Bauruense (1988, p. 26), além do animado carnaval de rua e de salão.

O pioneiro das comunicações de Bauru, o italiano João Simonetti chegou a Bauru em 1916, vindo de Dois Córregos. E em 1920 abriu o Cine Teatro Brasil, para exibição de filmes mudos e peças teatrais (Simonetti, 2015, p. 27). Márcia Regina Nava também relaciona o “florescer” da vida cultural bauruense relacionada com o desenvolvimento da vida urbana, notadamente, a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (e, posteriormente, a transferência de seus escritórios e funcionários para cá, em 1918) e a imigração europeia. Segundo Nava, desenvolvimento urbano que superou “dificuldades”, tais como “os ataques dos índios”, cessados a partir de 1912, a epidemia da “úlceras de Bauru”, como era chamada na época a leishmaniose tegumentar americana que vitimou parte da população, e as tensões causadas pela Primeira Guerra (1988, p. 35). Quanto à música local, especificamente, a pesquisadora ressalta a “influência da literatura musical estrangeira” a bastante evidente, e a produção de “valsas, xotes, mazurcas e rancheiras”, óperas (1988, p. 117), música espanhola, música caipira instrumental, marchas e dobrados (1988, p. 122), além dos sambas carnavalescos (em nossa opinião, de clara influência carioca).

Entre 1928 e 1929 foram inaugurados diversos conservatórios e escolas de música, salões e sociedades culturais, religiosas e laicas que produziram músicas de variados gêneros. Segundo Losnak, a partir dos anos 1930 é que se aprofunda a característica econômica da cidade, com a conexão ferroviária entre a capital e a região centro-oeste do Brasil. Com a crise do café, o algodão passou a adquirir certa importância no município, mas poucos anos depois o setor agrícola passou a dividir seu lugar com outros setores produtivos: a ferrovia se tornou um corredor de grandes dimensões, transformando o cenário da cidade, atraindo os vizinhos de cidades próximas e novos moradores. O setor terciário começou a ganhar força na cidade e o índice de urbanização disparou em relação a outras cidades – nos anos 1980, “somente a taxa de urbanização da Capital era maior do que a de Bauru” (2004, p. 75). Em

1932, João Simonetti resolveu “instalar em Bauru, o primeiro serviço de alto-falantes, que transmitia da rua Marcondes Salgado, esquina com a Agenor Meira” (Caldeira, 1982, p. 22). Segundo Sandro Caldeira, essa experiência foi o embrião da primeira emissora de rádio de Bauru inaugurada na cidade em 8 de março em 1934, a Bauru Rádio Clube. A emissora pioneira recebeu o prefixo PRG-8 em 1935 (1982, p. 23). Confirmando a proeminência de uma classe média formada por engenheiros e funcionários da ferrovia, os imigrantes europeus, donos de terras e políticos, houve uma tendência maior de encontrarmos informações sobre os artistas eruditos, tais como o cantor de ópera brasileiro Marçal Fernandes, Villa-Lobos e Frutuoso Lima.

Em 1943, começam as atividades do Clube da Boa Música, que reúne aficionados por música erudita de Bauru, em atividade até hoje (foi fundado e dirigido pelo professor Hélcio Pupo Ribeiro por mais de 50 anos) (Costa *et. al.*, 2014, p. 247).

Enquanto apagava as manifestações culturais de grupos menos endinheirados, a cidade se consolidava como polo cultural regional. Em 1941, João Francisco Tidei Lima registra que o Cine Bauru ficou lotado para a apresentação do tenor italiano Tito Schipa, que também foi recebido pelo seu conterrâneo João Simonetti para uma saudação aos ouvintes da PRG-8 (2013, p.39) – apesar de estarmos em plena 2ª Guerra Mundial, o Brasil só decidirá tomar o lado dos aliados um ano depois. Mesmo na colônia Asilo Aimorés, o antigo leprosário fundado no tempo em que a hanseníase provocava asilamento hospitalar dos seus portadores, as apresentações ficavam por conta de orquestras, como o registro da apresentação da Orquestra Marajoara em 15 de maio de 1943. Entre 1931 e 1947, a orquestra Sociedade de Concertos Sinfônicos de Bauru e a banda dos ferroviários da E.F. Noroeste do Brasil, ficaram em atividade. Ambas foram fundadas pelo maestro Guilherme Barbieri. Em 1942, representantes da elite bauruense fundam o Centro Cultural de Bauru. Na programação, música erudita, algumas peças populares, peças de teatro, balés, filmes, conferências e literatura (Costa *et. al.*, 2014, p. 235).

Em 1946, ainda de acordo com Lima, começou a circular o jornal Diário de Bauru e a rádio interna RPA (Rádio Publicidade Aimorés) do Hospital Asilo Aimorés (Lima, 2013, p. 44) dedicado aos hansenianos. Essa pequena emissora teve os registros destruídos pelo tempo, mas compunha o cenário de uma minicidade, com seu cinema, escolas, cemitérios, comércio,

⁵ Foto do ingresso do cassino em <http://jpradoo.blogspot.com/2010/05/no-dia-15-de-maio-de-1943-orquestra.html>. Acesso em 7 de maio de 2025.

etc. próprios. No mesmo ano, houve a formação de um orfeão para comemorar os 50 anos de Bauru.

A famosa dupla Cascatinha e Inhana, nomes artísticos do casal Francisco dos Santos e Ana Eufrosina da Silva, desembarcou em Bauru com o “Parque de Diversões Imperial” em 1947. E foram contratados pela PRG-8 como jardineiro e arrumadeira (Leite, 2012, p. 136; Lima, 2013, p. 49). Em 1948, a PRG-8 contratou o cantor Francisco Alves para uma apresentação, acompanhado pelo pianista Hamilton Santos. Em 1949 a cidade ganhou sua primeira FM, fruto da amizade de Simonetti com o presidente Getúlio Vargas (com os receptores doados a algumas pessoas pelo próprio Simonetti), a programação era a mesma que a da AM pertencente à família (Caldeira, 1982, p. 26) e teve vida breve: sua concessão foi cancelada em 1955. Em todo caso, a união da força comercial, da amizade com o político mais poderoso do Brasil neste período e de uma programação voltada, basicamente, aos funcionários da Noroeste do Brasil, garantiu a popularização de hábitos tidos como metropolitanos, tais como a prática de basquete, tênis, ida aos cinemas e shows de artistas famosos, bem como a consolidação das mesmas forças políticas locais.

3 AS DÉCADAS DE 1950 A 1980

Nos anos 1950, acentuando-se seu caráter urbano, Bauru ganha suas primeiras faculdades. Nessa década também, João Simonetti construiu um dos mais luxuosos auditórios do país para receber nos estúdios da PRG-8, os grandes nomes da música brasileira (Caldeira, 1982, p. 26; Simonetti, 2015, p. 51). A rádio também incentivava os grupos locais, como o Conjunto de Prata, cujo repertório era composto por “músicas antigas” (Caldeira, 1982, p. 26). De acordo com o Pesquisador João Tidei Lima, para diversificar o público, a PRG-8 lançou o programa infantil Cirquinho do Benjamin e Clube Juvenil, para “apurar talentos da juventude na arte dramática e na música”. Na programação musical, os jovens interpretavam tangos e boleros (2013, p. 67). Também em 1950, Bauru recebe a Companhia Antártica Paulista, que gera mais empregos qualificados na cidade. Mesma época de atuação do Automóvel Clube, espaço da dita alta sociedade local, que recebeu diversas orquestras importantes naquele período. A força da classe média se consolida.

Em 1955, surge a segunda AM da cidade, a Rádio Auri-Verde, da rede Piratininga de São Paulo, inaugurada em 1956 (Caldeira, 1982, p. 28). Em 1957, a terceira, Rádio Terra

Branca (1982, p. 30), que tinha até um elenco fixo de músicos e atores de radioteatro (Lima, 2013, p. 108). Ambas vão reforçar o conteúdo local, até então produzido só pela PRG-8, tanto no campo artístico, quanto esportivo e noticioso (com a participação dos jornais impressos em um deles). Era um período em que a renovação tecnológica começava a mudar o perfil do rádio brasileiro, com destaque para a Rádio Bandeirantes de São Paulo, que estabeleceu as bases do “triângulo” jornalismo, esportes e música (Lima, 2013, p. 87). Aqui em Bauru, a antiga PRG-8 ainda apostava na transmissão de eventos locais, desfiles carnavalescos e esportivos.

Na década de 1960, Bauru recebeu outras instituições de ensino públicas e privadas, tornou-se sede da 7ª Região Administrativa do Governo do Estado de São Paulo (Losnak, 2004, p. 77). É neste período que a televisão ganhou força na cidade, além da gradual popularização do “toca-discos portátil, um dispositivo já transistorizado, assim como os “rádios de pilha”, que junto com os compactos simples e duplos, divulgavam as coletâneas de músicas de sucesso das rádios e da ascendente televisão brasileira (2004, p. 145). Época da expansão das Indústrias Culturais no país e início do desenvolvimentismo conservador promovido pela ditadura militar. Com a expansão da cidade, o poder local decide transferir a zona do meretrício ainda localizada na região central, para um local ermo da zona leste, para beneficiar alguns poucos interesses imobiliários (2004, p. 234). Foi assim que houve a divisão entre baixo e alto meretrício, antes juntos na área central, e que deu origem a um dos mais famosos bordéis do mundo, a Casa da Eny (que também empregava os músicos locais).

Em 1960, João Simonetti conseguiu a concessão do primeiro canal de televisão da cidade, a TV Bauru Canal 2 (Caldeira, 1982, p. 33), processo que começara a tramitar em 1959, mas cuja negociação começara em 1952, com cartas que Simonetti enviara para Getúlio Vargas (Lima, 2013, p. 64). A programação da TV Bauru era toda ao vivo, já que a emissora não podia dispor da recente e caríssima tecnologia de vídeo tape (VT). Assim, os artistas locais apresentavam-se ao vivo (música e teleteatros especialmente). Segundo Paulo Sérgio Simonetti, neto do pioneiro João Simonetti, a TV de seu avô foi vendida para às Organizações Victor Costa, que repassou a estação local para as Organizações Globo, que expandia as suas retransmissoras no interior, antecipando o seu funcionamento em rede nacional, que seria assegurado a partir de 1969, pelas tecnologias públicas de telecomunicações da EMBRATEL (Simonetti, 2015, p. 92).

O golpe militar de 1964 afetou o rádio de diversas formas (fechamentos de emissoras e demissões em massa). Em 1965, o ator Carlos Zara, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão veio a Bauru para filiar dezenas de técnicos e locutores para garantir-lhes a “defesa dos direitos trabalhistas” (Lima, 2013, p. 188).

No mais, carnaval, jovem guarda, música romântica e futebol. Nas rádios, entrevista obrigatória com o novo presidente-ditador, show da PRG-8 que trouxe Roberto Carlos, Sérgio Reis, Nalva Aguiar, Martinha, Ed Carlos, entre outros (Lima, 2013, p. 200). No dial, a jovem guarda e a música romântica imperam. Em abril de 1967, Sandro Caldeira relata um feito da música popular em Bauru, mas não de Bauru: a PRG-8, sob nova direção, “trazia vários artistas famosos, incluindo a presença do já então maior ídolo da música jovem brasileira, Roberto Carlos”. O autor destaca a “preferência” da audiência “pelo rock e as baladas americanas”. Em 1968, instala-se a Rádio Jornal de Bauru Ltda. (1982, p. 35). Com a importação de equipamentos de gravação japoneses, a emissora Auri-Verde passa a gravar seus comerciais e os das outras emissoras em discos de acetato. Assim, confirma-se a consolidação das Indústrias Culturais na cidade. Isso significou menos espaço para os artistas locais o que era, como vimos antes, fundamental para preencher as lacunas das grades de programação. A partir daqui, as pesquisas de audiência vão determinar o que as emissoras devem veicular em suas paradas de sucesso, como se dizia então.

Curiosamente, a principal rua do centro bauruense, a Batista de Carvalho, se torna um personagem na vida dos cidadãos (cria-se o verbo “batistar”). As emissoras de rádio e de televisão reforçam a cultura de música ao vivo e os barzinhos tornam-se o último reduto das bandas locais. De acordo com Losnak, a Batista seria equivalente à rua Augusta, na capital paulista, “tema de músicas da Jovem Guarda e um dos espaços simbólicos dos jovens de classe média eu buscavam marcar rupturas com as gerações anteriores” (2004, p. 245).

A massificação das programações musicais confirma o aperfeiçoamento das técnicas de divulgação radiofônica, através da repetição das mesmas músicas durante o dia, o que tira espaço das composições locais em qualquer outro horário. Curiosamente, pelas análises de Caldeira, de Lima e nossa, as emissoras de Bauru mantiveram o hábito de ter, na parte matutina das grades de programação, programas de música sertaneja. Os dois pesquisadores concentraram suas análises até o final dos anos 1970. Nossa dissertação analisou a permanência dessa tradição.

Em setembro de 1972, sob a vigilância dos órgãos da ditadura, Bauru entra no circuito universitário, que trouxe grandes nomes da MPB⁶. Neste ano, Chico Buarque e MPB-4 se apresentaram na Associação Luso-Brasileira. Show liberado (e lotado), mas a entrevista foi censurada no rádio (Lima, 2013, p. 249). Um fato interessante ocorrido em 1976 foi a festa de 80 anos da cidade, com variadas atrações musicais. Em 1977 é inaugurada a 2ª estação de rádio FM da cidade, também de vida curta. A FM Som Pur, pertencente ao grupo de mesmo nome de São José do Rio Preto, ficou conhecida como FM Sem Limites. Era gerida pela rádio Terra Branca (Caldeira, 1982, p. 37). A emissora teve seu transmissor lacrado pelo órgão fiscalizador da época (DENTEL) por transmitir fora do padrão (1982, p. 38). Enquanto funcionou, serviu como reforço da Terra Branca AM.

Já em 1978, o grupo que dirigia a rádio Auri-Verde conseguiu a concessão de uma nova FM, a Rádio Comunicação FM Stéreo Ltda, a conhecida 94 FM. Confirmando o que já comentamos, Bauru encerra a década sem nenhum espaço para as bandas e artistas locais na programação de rádio. Artistas locais continuam a alegrar apenas os eventos. Ou seja, ao final deste período, as iniciativas de estímulo à música e às artes em geral da população saem das mídias e ficam, definitivamente, nas mãos do poder público e de algumas iniciativas particulares. De fato, dos autores e dos artistas de música e de teatro que ocupavam os espaços das emissoras de rádio e de televisão bauruenses, sobraram os que atuavam como locutores, operadores de rádio, câmeras, produtores, programadores musicais, etc., funções que depois da digitalização das tecnologias de operação e produção dos estúdios de rádio, a partir dos anos 1990, também foram bastante reduzidas ou totalmente suprimidas pelos novos recursos informáticos. Toda parte de criação artística local perdeu espaço para os sucessos nacionais e internacionais, o que continua até hoje.

Consequentemente, perdemos ao longo de várias décadas, os principais registros documentais e históricos do que ocorreu com a música bauruense durante a maior porção do século passado, que nos obrigou a buscar informações através de entrevistas. O maestro Badê, por exemplo, se recorda que, na década de 1980 os músicos da cidade conseguiam acompanhar grandes nomes da música brasileira quando vinham à cidade, o que possibilitava uma troca de contatos entre profissionais daqui e de São Paulo (Leite, 2020, p. 155), além de

⁶ Sobre esse período, mas sem saber o ano exato, Tom Zé, em entrevista a este pesquisador, relatou seu medo de vir à cidade. À esta época, Tom Zé vivia dos serviços de jardineiro, porque os representantes da ditadura na cidade de São Paulo o proibiram de cantar, mas não de tocar. Em Bauru, pelo o que apuramos, o show foi liberado pelo delegado Marcos de Paula Rafael.

ter sido um forte período de música ao vivo nos bares da cidade (especialmente entre fins dos anos 1970 a meados dos anos 1990).

Também sobre a década de 1980, Jane de Jesus, em sua dissertação sobre a atuação da Casa da Cultura de Bauru, afirma que o poder público municipal estabeleceu um programa de valorização da diversidade musical – outros autores afirmam que, entre 1985 e 1988, a Casa da Cultural realizou 457 eventos musicais na cidade (Costa *et al.*, 2014, p. 240). Na área erudita, foram realizados “recitais, concertos e audições” (1991, p. 139), além de “cursos, palestras e encontros” e a implantação gradativa de uma Orquestra Sinfônica (1991, p. 140) com o intuito de “incentivar um maior contato com a população com este estilo tradicionalmente reservado ao prazer de uma minoria” (1991, p. 139). Após a formação de músicos de vários naipes, em 1985 foi criado o Conjunto Instrumental de Bauru, o embrião da Orquestra Sinfônica (1991, p. 141). No mesmo ano, a Casa da Cultura implantou o “Projeto Sertanejo”, cuja proposta era divulgar e auxiliar o surgimento de “duplas e artistas locais” (1991, p. 142), especialmente de música sertaneja de raiz (1991, p. 143). A autora ainda relembra que 1986, foi criado o “Projeto Vitória Régia”, que ocorria quinzenalmente no palco do parque Vitória Régia, e que tinha a “finalidade de gerar uma nova forma de divulgação dos grupos musicais de vários estilos de Bauru e Região” (1991, p. 144) – e que gerou uma frequência média de 1500 pessoas por apresentação (1991, p. 145). Sobre o Carnaval, “o maior evento anual que a cidade” realizava no ano de 1986, a Casa da Cultura era o órgão responsável pela organização do desfile. Diz Jesus que tal esforço “é, na verdade, uma síntese de todas as áreas artísticas apresentadas num único momento. Ali estão representados o teatro, a música, a dança, as artes plásticas e a literatura” (Jesus, 1991, p. 220).

Por fim, outro entrevistado, o poeta e agitador cultural Lázaro Carneiro relembra a ação pública para tentar preservar a música sertaneja local e distribuí-la em vários pontos da cidade. Em seu testemunho ele lembrou que as duplas sertanejas ainda tocavam no rádio (mesmo depois de não haver mais música ao vivo de outros estilos) e, à medida que isso se torna inviável, o radialista Walter Neto organizava bailes da praça Rui Barbosa. Para Carneiro, isso denotava a “decadência de tudo” (Leite, 2020, p. 146). O entrevistado também mencionou a reorganização do Clube da Viola, que até hoje reúne catireiros, violeiros, cantores e compositores interessados na cultura caipira. Ação do Estado também se faz sentir na parte educacional, fortalecendo o perfil estudantil da cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada da TV Bauru, também pelas mãos de Simonetti, em julho de 1959, foi no melhor estilo “telerrádio” brasileiro, ou seja, com a transferência de *know-how*, publicidade e profissionais de um meio para o outro. As tratativas, porém, começaram nos anos 1952, também através da amizade de Simonetti e Getúlio Vargas (Simonetti, 2015, p. 80). Podendo rivalizar com Ribeirão Preto (também de 1959) como a primeira emissora do interior do Brasil, Bauru preferiu inaugurar sua TV mais de um ano depois do início da fase experimental, para coincidir com o aniversário da cidade em uma data redonda, em 1º de agosto de 1960. Em todo caso, a união da força comercial, da amizade com o político mais poderoso do Brasil neste período e de uma programação voltada, basicamente, aos funcionários da Noroeste do Brasil, garantiu investimentos e a consolidação das mesmas forças políticas locais.

Podemos perceber que sem os investimentos, que começaram pelo entroncamento ferroviário, não haveria uma classe média de funcionários públicos que trouxesse os hábitos culturais mais metropolitanos. Em sua voragem, o progresso que destruiu a comunidade de nativos da região, também pouco preservou o seu acervo histórico-cultural, situação que persistirá nas décadas seguintes. Em nome da inovação, pouco sobrar da arquitetura original, dos registros jornalísticos, das partituras de shows e cartazes de espetáculos e de cinemas. E a própria ferrovia, gatilho dessa história, hoje parece a céu aberto junto com o seu antes pujante centro comercial. No que tange a ação governamental, houve, digamos, resistência da prefeitura, na década de 1980, criando opções de trabalho para os artistas locais. Como não houve continuidade dessas ações, a riqueza cultural de Bauru passou a depender de alguns artistas abnegados para continuar a ser produzida, cenário que será levado ao seu extremo com a popularidade da internet.

REFERÊNCIAS

AMARAL JR., J. de A. **Chorando na Garoa** – Memórias Musicais de São Paulo. Fundação Theatro Municipal de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 2013.

CALDEIRA, Sandro F. **Aspectos Históricos do Rádio em Bauru**. Monografia apresentada na Faculdade de Artes e Comunicações da Fundação Educacional de Bauru. Secretaria da Educação de Bauru, 1982.

COSTA, M. F.; et al. **Apontamentos para a História da Música Erudita em Bauru**. Revista Mimesis v.35, n.2, 2014. Mimesis. Disponível em <https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v35_n2_2014_art_04.pdf>. Acesso em 24 jun. 2025.

JESUS, Jane Brito de. **Comunicação Alternativa: Necessidade ou Utopia? Estudo de Caso: Casa da Cultura de Bauru**. Dissertação. São Paulo: ECA/USP, 1991.

LEITE, W. C. M. **A Representação do Caipira na UNESP FM**. Dissertação de Mestrado, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89509/leite_wcm_me_bauru.pdf?sequence=1>. Acesso em 25 mai. 2025.

LEITE, W. C. M. **Os Músicos Independentes de Bauru e o Uso de Tecnologias de Comunicação**. Tese, 2020. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/items/8fbaf224-0d40-49c8-8360-eacdd367cf0d>>. Acesso em 25 de jun. 2025.

LIMA, J. F. T. **Ocupação da Terra e a Destruição dos Índios na Região de Bauru**. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 1979.

LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana: Imagens e Representações – Bauru 1950-1980**. EDUSC, 2004.

MEDAGLIA, J. **Música Impopular**. 1a Edição Digital. Global, 2012.

NAVA, Márcia Regina. **Preservação e Divulgação da Cultura em Bauru – de 1915 a 1925**. Monografia (bacharelado em História). Universidade do Sagrado Coração. Bauru, 1988.

PELEGRINA, Gabriel Ruiz; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Ferrovias e Urbanização: o caso de Bauru**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1991.

RUBIN, Sandra Matilde. **Análise da Urbanização de Bauru Através da Ferrovia – Seminário**. Monografia. Pós-Graduação em Planejamento Regional. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/ UNESP, 1995.

SIMONETTI, Paulo Sérgio. **Joanin**. João Simonetti, Pioneiro do Rádio e da Televisão no Interior da América Latina. 1ª Edição. Bauru: Estúdio Teca, 2015.